

Os limites do “re-fazer” etnográfico

O revisit de “Sociedade de Esquina”, de William Foote Whyte, e a crítica etnográfica contemporânea

Fabiane Vinente dos Santos

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/295>

DOI: 10.4000/pontourbe.295

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Refêrencia eletrónica

Fabiane Vinente dos Santos, « Os limites do “re-fazer” etnográfico », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/295> ; DOI : 10.4000/pontourbe.295

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Os limites do “re-fazer” etnográfico

O revisit de “Sociedade de Esquina”, de William Foote Whyte, e a crítica etnográfica contemporânea

Fabiane Vinente dos Santos

- 1 Em sua existência enquanto disciplina acadêmica, a antropologia tem aperfeiçoado seu arcabouço conceitual e metodológico, expandido suas frentes de atuação e refinado seu arsenal teórico a fim de dar conta dos desafios impostos frente às mudanças sócio-históricas proporcionadas pela era pós-colonial, pela industrialização e urbanização nos grupos humanos. Todavia, a diversidade de métodos e abordagens não foi suficiente para tirar da etnografia o posto de maior contribuição da disciplina em termos metodológicos para as ciências humanas.
- 2 Desde 1921, data da publicação de “Os argonautas do Pacífico Ocidental” de Malinowski, o vigor do método tem sido provado em constantes atualizações proporcionadas pela reinvenção da etnografia que parece não conhecer limites em sua aplicabilidade nos mais diferentes contextos. Neste artigo trataremos de explorar a crítica epistemológica no que diz respeito à noção de “presente etnográfico”, a questão histórica envolvida no processo de pesquisa e o papel do etnógrafo em relação aos demais sujeitos. Para dar conta de tal tarefa, utilizaremos os debates instituídos em torno da etnografia elaborada por William Foote Whyte, *Sociedade de esquina*, no original *Street Corner Society*, publicada em 1943 como fruto de uma pesquisa de quatro anos no bairro de North End (*Little Italy*).
- 3 Sociedade de esquina, que daqui por diante denominaremos como SCS, nasceu como um projeto acadêmico, mas também como um projeto pessoal do autor. Após sua formatura em economia no Swarthmore, e 1936, Whyte ganhou uma bolsa de três anos de Harvard para pesquisar o que quisesse (WHYTE, 2005b). Dando atenção a uma vocação de reformista social, decide pesquisar uma região degradada de Boston, escolhendo *North End*, bairro pobre de população caracteristicamente composta de migrantes italianos e ítalo-americanos que denominado ao longo do trabalho de *Corneville*, palco de conflitos entre grupos “raciais” especialmente italianos e irlandeses¹.
- 4 É importante ainda situar SCS dentro do quadro de referência de estudos urbanos da década de 30/40. Embora Whyte sempre tenha feito questão de dizer que seu trabalho não se adequava aos cânones da Escola de Chicago (WHYTE, 2005b, p. 352) pois havia

terminado sua elaboração antes de iniciar seu curso de pós-graduação naquela instituição, é impossível não afirmar que a própria motivação do estudo – o reformismo social, bem como a temática urbana, ligada aos avanços da urbanização nos grandes centros e à preocupação em saber mais sobre o impacto desta na vida social, não estavam relacionados a Chicago. Isso pode ser explicado pela atmosfera da época, o *New Deal* e aos ainda sensíveis efeitos da crise ocasionada pela quebra da bolsa de Nova York em 1929 que, de uma maneira ou de outra, conduziam as mentes na academia para a investigação de preocupações semelhantes. O fato é que é justamente na tensão entre as similaridades e diferenças entre SCS e os demais trabalhos do tipo, elaborados dentro da Escola de Chicago, que reside alguns dos aspectos mais interessantes do trabalho.

- 5 Por ocasião da defesa da tese de doutorado, que nada mais era que uma versão revista mas, “sem grandes alterações na análise”, de SCS (op. Cit., p. 348), Whyte narra a pressão que sofreu de Louis Wirth (autor de “The Ghetto”, um dos estudos urbanos mais célebres sobre áreas carentes) para incorporar o que seria um dos conceitos-chave das análises elaboradas por teóricos da Escola de Chicago para as chamadas áreas degradadas: o de desorganização social². Whyte acreditava que tal perspectiva não satisfazia o que era observado no campo. Ao contrário de desorganização, ausência de normas ou manifestações de anomia, o que ele encontrou foi uma comunidade hierarquizada, com padrões de comportamento e valores que entretanto nem sempre coincidiam com os das classes médias americanas. Os chamados estudos de comunidade (*community studies*), tal como eram realizados na tradição de Chicago, também não forneciam referencial eficiente para a análise do que Whyte encontrava em campo. Comparando com outras etnografias realizadas em áreas urbanas na perspectiva dos estudos de comunidade, ele se dá conta dessas diferenças:

...Percebi finalmente que não escrevia um estudo de comunidade no sentido usual do termo. O leitor que examinar *Middletown*³ notará que o livro trata das pessoas em geral naquela comunidade. *Indivíduos ou grupos não figuram na história*, exceto para ilustrar os aspectos que os autores estão desenvolvendo (...). E simplesmente acabei compreendendo que minha tarefa era diferente: eu lidava com indivíduos particulares e grupos específicos (WHYTE, 2005b, p. 319-20).

- 6 Antes de seu estudo, North End era vista pelo Estado e pela classe média estadunidense exclusivamente através de dois canais: os jornais, quando noticiavam assaltos ou assassinatos no bairro e pelos dados dos levantamentos do programa federal de assistência social *Works Progress Administration* - WPA (WHYTE, 2005a, p. 20). A contribuição do autor, contudo, vai além da militância social que seu trabalho inevitavelmente possui. A utilização da pesquisa participante num nível tão profundo - Whyte morou três anos em North End e participou ativamente da vida de gangues e clubes sociais da juventude local -, o preciosismo das notas e a aplicação metodológica faz de seu estudo um dos mais importantes em termos de utilização racional do método etnográfico.
- 7 Sua entrada em campo se deu através dos assistentes sociais do Centro Comunitário de Corneville. Seu principal informante foi Ernest Pecci, tratado como *Doc* no texto, filho de migrantes italianos da região de Abruzzi. A partir de Doc, líder dos Norton, membros de uma gangue de esquina, como eram chamados os grupos de rapazes que se reuniam diariamente em determinado cruzamento do bairro para conversar, passar o tempo ou combinar atividades conjuntas, é que Whyte tem acesso aos demais moradores do bairro. O contato a partir dos jovens do grupo de Doc constituiu-se num aspecto fundamental do

trabalho de Whyte em sua ambição de abordar as relações pessoais e a relação dos indivíduos em seus movimentos de ajustamento social.

- 8 Um traço essencial da pesquisa de Whyte, que também se concatena com a linha das pesquisas da Escola de Chicago, foi o privilegiamento da díade “indivíduo-sociedade”, herança do pensamento sociológico alemão de Simmel do qual a escola de Chicago era tributária. Whyte estabelece como primeira tarefa de seu estudo a investigação sobre o estabelecimento de hierarquias entre microesferas sociais – no caso, as gangues, demonstrando magistralmente como tais regras refletiam-se em âmbitos cada vez mais abrangentes da sociedade, no caso, as relações entre indivíduos e políticos, policiais e gângsters.
- 9 A ideia de hierarquia ocupava um papel fundamental nas conclusões de Whyte, sendo a base do sistema social de Corneville, mas tal compreensão não poderia se dar a partir do discurso dos sujeitos, pois nem sempre estes seriam capazes de objetivá-la: tal entendimento só seria possível mediante a observação do cotidiano. Para Whyte, muito mais interessante que os “eventos espetaculares” aos quais se prendiam as notícias de jornais, era importante observar as rotinas, os indivíduos em seus contextos para compreender mais profundamente até os fatos extraordinários. Para tanto, Whyte propunha-se a utilizar como principal elemento revelador de tais relações ao *estudo objetivo de ações*:

As atitudes de um homem não podem ser observadas, mas devem, em vez disso, ser inferidas a partir de seu comportamento. Como as ações estão diretamente sujeitas à observação e podem ser registradas como outros dados científicos, parece válido tentar entender o homem por meio do estudo de suas ações. Essa abordagem não apenas fornece dados sobre a natureza das relações informais de grupos, como também provê um quadro de referência para se compreender o ajustamento dos indivíduos à sua sociedade (op. cit.,: 274-275).
- 10 Daí sua preocupação em focar seu estudo em determinados tipos de pessoas, e não nas pessoas em geral como em geral faziam as etnografias sobre comunidades urbanas. A partir do esforço de situar os “peixes miúdos”, ou seja, grupos de pessoas que ocupam a base da hierarquia ele poderia abordar as formas de ascensão social e as relações entre peixes “miúdos” e “graúdos”. Daí a primeira parte ser dedicada à análise de uma das várias gangues de esquina de Corneville: a da Rua Norton. Whyte criou vários outros indicadores para as relações de hierarquia e status entre os membros da gangue, todos estabelecidos a partir da observação dos comportamentos⁴, como o desempenho individual no jogo de boliche, a generosidade financeira, a capacidade de conciliar conflitos entre os membros do grupo, a confiabilidade, além da força do carisma. Juntos, tais atributos formavam líderes como Doc.
- 11 Uma das noções criadas por Whyte para construção do referencial analítico foi a de eventos-grupo e eventos-par. O último aconteceria entre duas pessoas, o primeiro origina a ação para dois ou mais. A originação de eventos-grupo é uma prerrogativa do líder. Um evento-par poderia ser originado por um membro comum, mas só um líder seria capaz de transformar um evento par num evento coletivo. A quantificação minuciosa dois tipos de eventos permitiu a Whyte saber coisas sobre a posição de cada um dos membros na hierarquia da gangue, criando uma solução eficaz para fugir ao estudo de caso e ao célebre *survey* (de abordagem estatística), que se constituíam nas duas grandes propostas metodológicas da Escola de Chicago. O elemento que mantém o grupo unido é o líder, ao seu redor o grupo reúne-se e sua presença é aguardada para se dar início a qualquer

atividade. A principal motivação do grupo parece estar na relação de pertencimento, de “não ser deixado pra trás”, visivelmente inspirada na solidariedade orgânica proposta por Durkheim que se constitui numa influência fortemente presente ao longo do estudo.

- 12 Se os rapazes de esquina possuem uma série de elementos para compor seu líder, o mesmo, contudo, não se aplicava a grupos como os “rapazes formados” [*college boys*], cujo líder, Christopher Ianella, ou Chick Morelli, como foi chamado na etnografia, e que é objeto do segundo capítulo do livro, era dono de características bem distintas das de Doc. Os rapazes formados congregavam-se em torno do Clube da Comunidade Italiana a partir de um objetivo em comum: a ascensão social a qual de certo modo eles consideravam-se destinados em função de seu status escolar mais alto que a média do bairro, já que os integrantes originais do clube caracterizavam-se por terem conseguido chegar a um curso universitário. Mais tarde o clube admite rapazes como Doc, que não possuíam escolaridade completa, mesmo assim seu núcleo de comando continua nas mãos dos formados, a despeito de atitudes intransigentes e antidemocráticas de Chick. A liderança, nesse caso, parecia repousar sobre outros atributos como a audácia e a capacidade de mobilização para ações coletivas. Ele diferencia rapazes de esquina e *college boys* nestes termos:

Tanto o rapaz formado quanto o rapaz da esquina querem vencer na vida. A diferença é que o rapaz formado não se liga a um grupo de amigos próximos, ou então está disposto a sacrificar sua amizade com aqueles que não avançam tão rapidamente quanto ele. O rapaz de esquina liga-se a seu grupo por uma rede de obrigações recíprocas das quais não quer se afastar ou não consegue (op. Cit.: 125).

- 13 O terceiro capítulo, intitulado *Estrutura e mobilidade social* é o momento em que Whyte fará as críticas mais pesadas à intervenção do Estado em Corneville a partir da análise do trabalho dos assistentes sociais do Centro comunitário de Corneville e seus desencontros com a comunidade com a qual não se identificam.
- 14 A segunda parte do livro, com três capítulos⁵, foi dedicada a tratar dos “peixes graúdos” como os *racketeers*⁶, os agentes da polícia e os políticos. O capítulo VI, sem dúvida é um dos mais intensos do trabalho, desnuda a prática da política partidária nos bairros pobres, revelando desde os expedientes utilizados pelos moradores como moeda de troca com os políticos, como o de uma única pessoa votar várias vezes apresentando-se em zonas eleitorais diferentes ou como os “eleitores de colchão”, que dormiam durante algumas noites em hotéis para caracterizarem domicílio eleitoral de acordo com o candidato que lhes pagasse, até o funcionamento da estrutura de trocas entre políticos e indivíduos que deixava os benefícios coletivos em segundo plano em nome de benefícios pessoais que eram vistos como a concretização da relação pessoal entre candidato e eleitor. Deste modo Whyte mostrava o quanto a concepção democrática preconizada pela política estadunidense estava longe de seu ideal em lugares como Corneville.
- 15 A condição de estigmatização vivida pelos italianos nos Estados Unidos e acentuada no período da II Guerra, quando Mussolini alia-se às potências do Eixo, repercutiu na vida política e também nas formas de ascensão social, envolvendo o apelo racial e a marca da migração na população de Corneville. Com tanta adversidade, alcançar o sucesso financeiro não era tarefa fácil. Whyte estabelece dois tipos de homens bem-sucedidos: os que se afastam de Corneville ao alcançar o sucesso financeiro, buscando distanciar-se da relação com as pessoas do bairro e assumindo atividades consideradas pelas classes médias como “respeitáveis”, mesmo quando continuavam com seus negócios no bairro - como era o caso dos comerciantes, e os que, ao contrário, estabelecem-se como lideranças

locais fortalecendo seus laços com o lugar. Este era o caso dos *gangsters* e também dos agentes funerários, cuja natureza “comunitária” de seu negócio proporcionava uma relação mais estreita com a população, o que explica o fato de que alguns dos políticos eleitos por Corneville eram agentes funerários.

- 16 Essa divisão também se refletia nas opções partidárias dessas duas classes de indivíduos entre o Partido republicano, de caráter conservador, e o Partido democrata, de feição mais progressista:
O político republicano avança fazendo-se notar pelas pessoas de classe alta que controlam o partido no estado, e ao fazer isso, afasta-se de Corneville (...). O político democrata ganha força com o apoio que recebe do povo de Corneville. Eu sucesso depende da habilidade de lidar com grupos de pessoas dentro de seu distrito. Portanto, para entender a carreira, é necessário ter algum conhecimento geral da natureza desses grupos (op. cit.: 216-17).
- 17 Whyte demonstrou ainda que a motivação de voto para determinado candidato ia muito além da escolha racional a partir de qualificações ou virtudes do candidato, mas envolvia motivações de fundo emocional, solidariedade de classe, carisma pessoal e a própria força política para articular-se a outros políticos. As formulações inovadoras de Whyte no campo da política levaram-no a produzir artigos baseados em sua experiência de pesquisa e a publicá-los em revistas da área de ciência política, alguns anos depois de seu trabalho de campo.
- 18 Este foi o caso de *Instruction and research: a challenge to political scientists* (WHYTE, 1943), publicado na *The American Political Science Review*. Neste artigo, Whyte defendia que o estudo científico da política requeria a atenção a certas uniformidades ou leis, propondo um caminho diverso dos trilhos pelos cientistas políticos americanos da década de 40 que privilegiavam a investigação das complexidades das personalidades políticas, numa abordagem que misturava psicologia e história. Whyte utiliza alguns estudos deste tipo⁷ para mostrar a ineficácia dos métodos e análises utilizados e aponta as razões para tal: a primeira era a insistência desses estudos em descrever a dimensão da informalidade na política pejorativamente. Como Whyte demonstra em SCS, a informalidade constitui-se num aspecto fundamental do cotidiano da política.
- 19 Whyte criticava a abordagem da corrupção pelos politicólogos, pois esta não se pautava numa definição do problema pautada na prática e no relativismo: “Não há como observar a corrupção *per se*, apenas o comportamento que é definido como corrupção pelos observadores” (WHYTE, 1943: 693). A questão era a insistência dos cientistas políticos em distinguirem moralmente as instituições políticas em “boas” ou “más”. Tais premissas estariam relacionadas a uma limitação acadêmica na análise dos politicólogos: sua crença na ideologia democrática americana (op. cit, p. 694). Whyte defende que a solução estaria na metodologia de pesquisa, que deveria ser a etnográfica, por dar conta da observação do comportamento e da ação.
- 20 A defesa desta posição proporcionou à Whyte a primeira ordem de críticas públicas a seu trabalho. John H. Hollowell, em artigo intitulado “Political and Ethics”, de 1944, responde a Whyte chamando-o de positivista em função de sua proposta de maior rigor metodológico e neutralidade na análise dos fatos políticos. A polêmica ainda rendeu uma resposta de Whyte em 1946 (*Politics and Ethics: A Reply to John H. Hollowell*), mas esta não foi a única grande contestação.
- 21 Após a publicação de SCS houve pouco interesse pela obra e somente alguns anos depois, com o retorno dos veteranos da segunda guerra e sua invasão aos cursos de de graduação

e pós que a etnografia de Whyte ganha notoriedade. Alternando períodos de grande interesse de leitores com outros de abandono, incluindo uma versão ampliada em 1955, uma edição em brochura na década de 60 e uma reedição na década de 70, parecia que nada mais havia de novo que pudesse suscitar interesse pela obra, além do fato dela constituir-se inegavelmente num clássico da etnografia, quando na década de 90 uma publicação da área (*Journal of Contemporary Ethnography*) dedica um de seus números a Sociedade de Esquina. Os artigos, dentre os quais o de Ralph Orlandella, um dos rapazes de esquina que graças a influencia de Whyte havia se tornado um pesquisador social⁸ além de um de autoria do próprio Whyte, eram na maioria de estudiosos behavioristas encabeçados por W. A. Marianne Boelen, que tecia duras críticas a SCS (BOELEN, 1992).

- 22 As acusações de Boelen contra Whyte orbitavam principalmente em torno de sete pontos: Whyte teria ignorado completamente certos atores importantes na vida social de Corneville como a família e a Igreja; o trabalho também teria ignorado o papel da mulher no bairro; Boelen também afirma que se Whyte tivesse um maior conhecimento da vida em vilas italianas, teria mais condições de interpretar o comportamento dos moradores de Corneville em termos mais realistas; o jogo de números, por exemplo, que Whyte interpreta como uma prova de que a interpretação moral dos habitantes sobre o que é legal é diferente da preconizada no resto da sociedade estadunidense, seria uma instituição comum nas pequenas cidades italianas, bem como as gangues de esquina que seriam uma forma comum de associação de rapazes. A falta de domínio do italiano que teria impedido o autor de penetrar na interpretação do que era dito pelas pessoas, que se comunicavam mais nesta língua que no inglês; Boelen também acusava Whyte de ter forçado a realidade de seu estudo aos conceitos, para ela falhos, da Escola de Chicago e finalmente, a acusação mais grave que ela fazia relacionava-se à conduta ética do Whyte em campo. Apesar de trocar nomes e usar pseudônimos para os envolvidos na pesquisa, Whyte teria falhado ao revelar no livro trechos de falas comprometedoras de seus informantes, sem que estes soubessem que suas palavras seriam usadas daquela forma.
- 23 Boelen afirmava que seu próprio trabalho consistiu de visitas à North End e entrevistas com as pessoas que haviam convivido com Whyte durante sua permanência em Corneville, cinquenta anos antes. Ela descreveu as pessoas como irritadas e magoadas com as conclusões de Whyte, que teria contribuído para a estigmatização do bairro como um local de foras-da-lei e exagerado quanto a influencia dos *racketeers* na vida das pessoas. Estes, segundo os relatos que Boelen afirmou ter colhido “com base nas memórias” das pessoas, diferente do que afirmava Whyte, seriam na década de 40 um grupo estigmatizado dentro da sociedade local.
- 24 O retorno ao local de um estudo etnográfico prévio para revisão de resultados como o que fez Marianne Boelen foi chamado por Michael Buwaroy de *revisit*, definido da seguinte forma:
Um *revisit* etnográfico ocorre quando um etnógrafo, através de observação participante, que é o estudo de outras pessoas em seu mesmo espaço e tempo, tem a perspectiva de comparar este sítio de pesquisa com ele mesmo, estudado em uma época anterior, seja pelo mesmo pesquisador ou por outro qualquer. (Buwaroy, 2003: 646, tradução minha).
- 25 O *revisit* constitui-se numa tradição da pesquisa etnográfica, sendo o mais célebre, pela polêmica que causou, o livro *Margaret Mead and Samoa: The Making and Unmaking of an anthropological myth*, publicado em 1983 com base em pesquisa de 10 anos em Samoa, mesmo sítio de pesquisa de Margaret Mead que deu origem a *Coming of age in Samoa* [Chegando à adolescência em Samoa], publicado em 1928. Burawoy lembra que mesmo o

clássico maior dentro da tradição etnográfica foi alvo de um *revisit*. O sítio de pesquisa de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* foi pesquisado novamente em 1976 por Annette Weiner, que rediscute o papel das mulheres na sociedade trobriandesa em *Women of Value, Men of Renown*.

- 26 O *revisit* é uma proposta de instrumental para a epistemologia crítica a partir do equacionamento de métodos, técnicas, procedimentos e atividades relacionadas ao fazer etnográfico e aos desafios impostos pelo campo; o *revisit* de Boelen serve como nosso ponto de partida para refletir sobre essas questões que hoje incluem a ética de pesquisa e a admissão da interferência do observador na vida social do sítio etnográfico como um fato consumado.
- 27 O *revisit* ainda requer um maior cuidado no dimensionamento da questão temporal, uma vez que toca num ponto fundamental do método etnográfico: o presente etnográfico, uma vez que traça um paralelo entre duas pesquisas realizadas em datas diferentes. O caso de Freeman x Mead, por exemplo, demonstra que o *revisit* nem sempre é um processo pacífico, podendo revelar grandes desencontros entre os dados das duas pesquisas. Buwaroy aponta quatro motivos principais que podem explicar as discrepâncias entre dados antigos e anteriores:
1. **A relação entre observador e os sujeitos** da pesquisa é influenciada por traços biográficos e opiniões pessoais; no caso do *revisit*, este aspecto pode levar a abordagens totalmente diferentes entre os dois estudos. No caso de SCS, Boelen por ser mulher e não ter morado em *North End* como Whyte teve contatos diferentes dos dele;
 2. **aporte teórico levado a campo** pelo etnógrafo é importante para determinar abordagens e seleção de temas entre outras coisas; Em SCS o ponto mais notável neste sentido é o do conceitual de gênero, que ganha força acadêmica na década de 70 mas que era então desconhecido para Whyte na década de 40, bem como o conceito de etnicidade, que por ser posterior ao trabalho de Whyte aparece sob a forma do conceito de “raça”;
 3. **Processos internos subjacentes à área de pesquisa** talvez seja o aspecto de maior peso nas discrepâncias entre dados de diferentes pesquisas, uma vez que o contexto social dinâmico, especialmente em uma área urbana, traduz-se em inevitáveis transformações no sítio de estudo e na própria forma de pensar dos sujeitos envolvidos;
 4. **Forças externas** ao sítio da pesquisa e ao pesquisador como transformações no contexto político, econômico e histórico mais abrangente.
- 28 Um último comentário sobre as divergências entre os dois trabalhos é necessária: é digno de nota que a crítica de Boelen ao trabalho de Whyte seja justamente a de que este teria contribuído para uma estigmatização dos seus sujeitos em função da constatação do exercício de atividades ilícitas e da sua denominação como *racketeers* enquanto que uma das coisas que mais me chamava a atenção durante a leitura de SCS era justamente a forma harmônica e até mesmo um tanto ingênua como as relações entre *racketeers*, rapazes de esquina e os rapazes formados era retratada. Parece mesmo irônico que Boelen tenha se prendido a uma definição de *racketeer* que associa a atividade ao uso da violência⁹ para afirmar que tal não era o caso entre os sujeitos de pesquisa de Whyte quando, na verdade, o autor executa um movimento sutil de diminuir o papel da violência no estudo e se focar nos aspectos relacionais que envolviam a negociação entre indivíduos.
- 29 Todavia, não são apenas os quatro fatores descritos os responsáveis exclusivos por resultados diferentes. Buwaroy pondera que existem outros fatores importantes para serem levados em conta na análise das contradições entre os dados de um *revisit* e do trabalho original: o realismo e o construtivismo, que se constituem em dois polos da

construção etnográfica. O realismo está relacionado à tarefa de descrição objetiva dos dados encontrados em campo e à preocupação com a fidelidade das informações transcritas. O construtivismo, por seu turno, seria a dimensão relacionada à criatividade da atividade etnográfica, às inferências, hipóteses e teorias formuladas através dos dados.

- 30 Uma etnografia será caracterizada pelo peso que dá a cada um destes aspectos, que serão ainda transpassados pela tensão entre os aspectos internos e externos ao sítio da pesquisa. A relação entre estes aspectos pode ser visualizada na tabela abaixo. Sua elaboração foi inspirada em uma similar, feita por Burawoy¹⁰, para mostrar as causas das diferenças de dados e de sua própria pesquisa sobre a vida dos operários de uma fábrica e a tese de doutorado de Donald Roy¹¹, elaborada anos antes no mesmo lugar. Aproveitamos suas ideias para elaborar uma tabela que cumprisse o mesmo papel em relação à pesquisa de Whyte e Boelen:

Tabela 1: Possíveis explicações para a divergência entre a etnografia original de Whyte e o *revisit* de Boelen

Explicações	Internas	Externas
Construtivista	Observação participante	Reconstrutivismo
	Habitus do pesquisador Local do estudo Envoltório (gênero, classe, raça, etnia)	Estudo de grupos, observação participante (Whyte) vs. Narrativas pessoais da memória, entrevistas (Boelen)
Realista	Processos internos	Forças externas
	a) Os informantes principais, jovens na faixa dos 25-30 anos na época da pesquisa de Whyte, já estavam idosos na década de 90. b) A comunidade de North End havia formulado um juízo sobre SCS, e as impressões colhidas por Boelen refletem isso;	Contexto de mudança econômica: superação das crises estruturais da economia americana como a do crack da bolsa; Mudanças no contexto nacional e nas relações entre a população do bairro e o Estado. O reflexo das demandas sociais do pós-guerra nas ciências sociais como a preocupação com a questão de gênero e o cuidado ético no trabalho antropológico refletem-se na crítica de Boelen

- 31 O *revisit*, contudo, não pode ser considerado como um modelo único de etnografia. Buwaroy aponta pelo menos cinco formas de *revisit* e abre a possibilidade para muitas outras, apenas relacionando os aspectos descritos na tabela 1. Sendo o *revisit* uma prática estabelecida na etnografia, é importante ilustrar com alguns dos vários exemplos fornecidos por Buwaroy, de quem transcrevemos parte da tabela 2, para mostrar que várias outras modalidades de *revisit* podem ser construídas modelando ora explicações construtivistas, ora explicações realistas. A construtivista comportaria pelo menos duas formulações: refutação ou reconstrução. O estudo de Boelen teria o caráter de refutação, a exemplo do já citado caso de Freeman em relação ao estudo de Margaret Mead em Samoa,

e também como este seria baseado em elementos internos às áreas de estudo, sem buscar explicações em fatos ou contextos mais abrangentes.

- 32 Já a tensão entre aspectos internos e externos na explanação realista ficaria adstrita a referenciais teóricos diversos, conforme podemos ver nos exemplos dados. Não nos deteremos a comentar mais por não ser tão interessante para efeito deste trabalho, mas podemos ver como tais tensões se relacionam na tabela 2:

Tabela 2: Tipologia e exemplos de *revisits* clássicos (por Buwaroy)

Explicações	Etnografias a partir de aspectos internos	Etnografias elaboradas a partir de aspectos externos
Construtivista	Tipo I: Refutação	Tipo II: Reconstrução
	a) Freeman (1983) Mead (1928) b) Boelen (1992) Whyte (1943)	a) Weiner (1976) Malinowski (1922)
Realista	Tipo III: Empiricismo	Tipo IV: Estruturalismo
	a) Lynd & Lynd (1937) ¹² Lynd & Lynd (1929)	a) Hutchinson (1996) ¹³ Evans-Pritchard (1940)

- 33 Apesar de ter causado polêmica por contestar um estudo clássico como SCS e ter acusado Whyte de falta de ética, o estudo de Boelen é carente de uma proposta teórico-metodológica consistente de pesquisa. A preocupação em apontar o que seriam as falhas do estudo de Whyte e de sua atuação em campo parece não ter deixado espaço para uma atenção maior aos resultados “alternativos” de seu *revisit*. A vitalidade de SCS, apesar de 60 anos terem se passado desde sua publicação, é notória em sua utilização como referencial teórico em pesquisas urbanas que lidam com a temática da juventude, da relação dos bairros de áreas pobres com o Estado e sobre a questão do crime.
- 34 O exercício proposto por Boelen, todavia, embora não tão exitoso, consiste numa forma interessante de refletir sobre o caráter das transformações sociais sobre os objetos das ciências sociais e sobre o caráter do presente etnográfico e sua utilidade – ou não – para a compreensão das relações humanas. Utilizando a fala de Buwaroy sobre o assunto, podemos dizer que
- Reaplicar um estudo no sentido construtivista é despir-se de nossos preconceitos, biases, teorias e tudo o mais antes de entrar no campo e minimizar o impacto de nossa presença uma vez que estamos no campo. Com o *revisit* acreditamos no oposto: não há como ver claramente sem as lentes da teoria, mas elas não são passivas nem têm posições neutras. O *revisit* demanda que nós estejamos auto-conscientes e deliberemos sobre as teorias que empregamos e que capitalizemos os efeitos de nossas intervenções (Bowaroy, 2003: 647).
- 35 A questão da ética na pesquisa etnográfica, seja como método da antropologia, da sociologia ou de outra disciplina, impõe-se como uma das mais espinhosas e desafiantes para a academia. A impossibilidade de se estabelecer um modelo único ou um “manual” deixa a cargo do autor a difícil tarefa de encontrar, dentro dos cânones do bom-senso e

dos princípios de respeito à individualidade e da privacidade dos informantes alternativas de ação que preservem as pessoas sem amputar a profundidade da pesquisa.

- 36 O *revisit* é sem dúvida uma possibilidade importante para a reflexão etnográfica pela necessidade de compreensão das transformações experimentadas por grupos estudados em pesquisa em tempos passados e atualização de dados pois permite comparações, mas essas devem estar pautadas pelo cuidado metodológico de se avaliar as múltiplas dimensões que devem ser levadas em conta nesse tipo de exercício, como tentamos demonstrar através da análise do impacto da pesquisa de W.F. Whyte, uma obra clássica nos estudos de sociedades urbanas e que mantém sua atualidade nas questões importantes para problematização da pesquisa e do fazer etnográfico.

BIBLIOGRAFIA

- BECKER, Howard. A Escola de Chicago. Rio de Janeiro, *Mana*, 2(2): 177-188, 1996.
- BOELEN, W. A. Marianne. Street Corner Society: Cornerville revisited. *Journal of Contemporary Ethnography* 21(1), 1992.
- BLOK, Anton. The mafia of a Sicilian Village, 1860-1960. New York, Harper Touchbook, 1976.
- BURAWOY, Michael. “Revisits: an outline of a theory of reflexive ethnography”. *American Sociological Review*, v. 68(5):645-679, 2003.
- HALLOWELL, John H. “Political and Ethics”. *The American Political Science Review*, 38 (4), 1944.
- MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: José Guilherme Magnani & Liliam Lucca Thomas. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 1996.
- MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa”. Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- VELHO, Gilberto. “Apresentação à edição brasileira: O observador participante”. In: William Foote Whyte. Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WHYTE, William Foote. “Race Conflicts in the North End of Boston”. *The New England Quarterly*, v. 12, no. 4:623-642, 1939.
- WHYTE, William Foote. “Politics and Ethics: A Reply to John H. Hallowell”. *The American Political Science Review*, 40 (2), 1946, pp. 301-307, 1946.
- WHYTE, William Foote. “Instruction and research: a challenge to political scientists”. *The American Political Science review*. 37 (4): 692-697, 1943.
- WHYTE, William Foote. Anexo A: “Sobre a evolução de Sociedade de esquina”. In: Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005b .

WIRTH, Louis. “Ideological aspects of disorganization”. *American Sociological Review*. V.5(4), pp. 472-482, 1940 .

NOTAS

1. O uso da terminologia “raça” para tratar da vinculação nacional foi possível pela não existência do conceito de “etnia”, que só aparece muitos anos mais tarde. A análise da utilização desse termo nesses estudos demonstra que, a despeito do uso naturalizado do termo etnia entre os antropólogos atualmente, várias acepções antecederam a esta. As formulações de Whyte sobre a questão racial em Corneville estão mais detalhadas em seu artigo “Race conflicts in the North End of Boston” (WHYTE, 1939).
2. Em um artigo de 1940, Wirth explicita o que seria “desorganização social” em sua concepção: basicamente o choque entre o comportamento consensualmente instituído e práticas desagregadoras, de acordo com a noção durkheimiana de anomia (WIRTH, 1940).
3. Lynd, Robert S. e Lynd, Helen Merrell (1929). *Middletown: A Study in Modern American Culture*. Também são dignos de nota como estudos urbanos de comunidades carentes Frederic Thrasher (The Gang), Clifford Shaw e Henry MacKay, estudo sobre delinquência juvenil.
4. A importância da observação não implica no desprezo de outras técnicas etnográficas de coleta de dados como a entrevista e o uso de registros como notícias de jornais e documentos, mas no caso do estudo de Whyte, é notável o papel que a observação ocupa como instrumento.
5. A saber: Capítulo IV – A estrutura social do gangsterismo, capítulo V – O gângster no clube social e atlético de Corneville e capítulo VI – A política e a estrutura social.
6. Embora a edição brasileira de *Sociedade de Esquina*, traduzida por Maria Lúcia de Oliveira e utilizada aqui como referência, utilize o termo “mafioso” como tradução de *racketeer*, preferi utilizar a palavra no original por entender que mafioso e *racketeer* nem sempre se referem ao mesmo tipo de atividade, seja por conteúdos diferentes ou por abrangências diversas. Estudos como o de Anton Blok (1976) dão uma ideia da atividade mafiosa que difere em alguns pontos daquela trabalhada como *racketeer* por Whyte, como por exemplo, a vinculação familiar, mas que não parece necessariamente como traço definidor desses grupos em SCS.
7. “City Bosses in the U.S.” o estudo de 20 personalidades políticas americanas e “Psychopathology and Politics”, de Harold Zink (1930), que perseguiu objetivo semelhante utilizando conceitos da psicanálise.
8. Orlandella aparece com o nome de Sam Franco em SCS e durante a pesquisa de Whyte foi treinado em técnicas de pesquisa para atuar como auxiliar de campo. Depois do fim da pesquisa, Orlandella segue carreira no exército onde suas habilidades de pesquisador são aproveitadas. A ligação com Whyte e com SCS também lhe possibilita um diálogo constante com a academia, tendo sido em várias ocasiões convidado para palestras e para contribuir com artigos em publicações acadêmicas.
9. “A definição mais próxima de *racketeering* deste período que eu pude encontrar veio da Enciclopédia de Ciências Sociais, publicada em 1935, que estabelecia que *racketeering* era considerada ‘a atividade própria de grupos organizados que agiam a partir da violência física’ e ‘isso não pode ser limitado a extorções a negociantes somente, mas inclui a nós’.”
10. Burawoy, Michael (1979). *Manufacturing Consent*.
11. Roy, Donald (1952). *Restriction of Output in a Piecework Machine Shop*.

12. Os estudos são: Lynd, Robert S. & Lynd, Helen Merrell. *Middletown in Transition: A Study in Cultural Conflicts*, de 1937 e dos mesmos autores: *Middletown: A Study in Modern American Culture*, de 1929.

13. Os estudos são: Hutchinson, Sharon (1996). *Nuer Dilemmas: Coping with Money, War, and the State* e Evans-Pritchard, Edwards (1940). *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People* (traduzido para o português com o título “Os Nuer” e publicado pela editora Perspectiva).

RESUMOS

O artigo empreende um exercício analítico da obra “Sociedade de Esquina”, de William Foote-Whyte, publicada em 1943, em três dimensões: primeiramente, analisa a estrutura do livro e as estratégias etnográficas do autor em campo; em seguida o artigo situa o trabalho de Whyte no debate sobre o ideal democrático estadunidense durante a segunda guerra e no período subsequente, mostrando como a proposta de investigação etnográfica de processos políticos contribuiu para as ciências políticas na época; finalmente o artigo explora a questão do presente etnográfico a partir da crítica de Marianne Boelen sobre a obra, na década de 90, à luz do conceito de *revisit* de Michael Burawoy.

The article undertakes an analytical exercise of "Street Corner Society", by William Foote-Whyte, published in 1943, in three dimensions: first, the book analyzes the structure and strategies of ethnographic author field, then the article situates Whyte work in the debate on the democratic ideal during the Second World War and in the subsequent period, showing how the proposed ethnographic investigation of political processes contributed to political science at the time, and finally the paper explores the issue of ethnographic present from the point of view of the work of Marianne Boelen, in the 90s, in the light of the concept of *revisit*, offered by Michael Burawoy.

ÍNDICE

Keywords: ethnography, revisit, street corner society

Palavras-chave: etnografia, revisit, sociedade de esquina

AUTOR

FABIANE VINENTE DOS SANTOS

Pesquisadora do Instituto de Pesquisa Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz), doutoranda em Antropologia Social pela Unicamp e bolsista Rh-Pos-Grad da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas vinente@gmail.com